

Entre saberes e potencialidades: os olhares da Comissão de Avaliação

Quando pensamos em avaliação logo nos vem à mente a associação da palavra com algo estressante, sofrível, doloroso pelo qual temos que passar para chegarmos a estágios mais avançados ou para consolidar processos ou práticas. Por consequência, o lugar daquele que avalia quase sempre é aquele de *persona non grata*. Muitas vezes falamos de alguém ou alguns que se colocam de fora na tentativa de imprimir uma falsa aparência de neutralidade.

Não estamos de fora, absolutamente. Falamos de um lugar profundamente implicado com a defesa e a afirmação da vida. Estamos inseridos nos mais diversos espaços de atuação que tomam a EPS como valor central.

A Educação Permanente em Saúde ao mesmo tempo em que disputa pela atualização contínua das práticas profissionais, segundo os mais recentes aportes científicos e teóricos disponíveis, busca provocar os mais diversos sujeitos em relação a uma reflexão e problematização de suas práticas, visando à mudança. Portanto, nossa compreensão de EPS busca ampliar-se a partir do entendimento de que o que se produziu no Brasil ao longo dos anos ultrapassou o enfoque educacional dado à EPS nas suas formulações iniciais e interviu efetivamente em vários âmbitos na construção do SUS enquanto política.

Tomamos aqui a Educação Permanente em Saúde não como algo que se esgota em si mesmo, mas como um processo vivo e autopoético no sentido de retroalimentar-se, produzir-se, reinventar-se continuamente. Produtora de sentidos e práticas a partir do que faz sentido para as pessoas e coletividades em seus territórios.

Foi exatamente isso o que tivemos a oportunidade de observar no processo de avaliação das experiências em todas as suas etapas, desde a fase inicial de leitura e análise do texto escrito, passando pela apresentação no seminário e nas visitas *in loco*.

As visitas *in loco*, por outro lado, permitiram conhecer as experiências com mais profundidade. Esse foi um momento de muitos aprendizados, perceber como a EPS acontece em ato, no movimento das pessoas no espaço singular onde cada experiência se desenvolve, trouxe aspectos do vivido, do experimentado, da inventividade que tornou o momento da avaliação formativo para todos os(as) envolvidos(as) – avaliadores(as) e avaliados(as).

Gente de todas as cinco regiões do país, diversas cidades, culturas, hábitos, linguagens, sotaques. Várias nações dentro de um Brasil diverso e tão rico de gente comprometida e engajada com a Educação Permanente e a mudança de práticas na saúde.

Experiências surgidas de encontros muitas vezes contingenciais, outros nem tanto. Encontro de gente do serviço e gente da universidade, e do controle social, gente que nem é do campo mais restrito da saúde, estudantes. Encontros entre gente nas mais diferentes inserções que encontraram possibilidades de construção do inovador e cuja riqueza disparou processos de Educação Permanente em Saúde de solidez inquestionável.

A inovação como aspecto central não veio de fora ou de atos grandiosos e fora de proporção, mas se constituiu uma aposta a partir do trabalho no cotidiano, construindo na reflexão sobre as práticas uma potência de prospecção.

A institucionalidade que observamos foi fruto dos encontros e profunda articulação entre os diferentes parceiros no mundo da gestão, trabalho, formação, controle social, com definição específica de papéis para cada ator específico em cada área de atuação. Institucionalidade que não ficou efetivamente restrita aos gabinetes, leis, portarias e aos acordos mais oficiais do mundo da política, mas sua capilaridade se fez presente concretamente no cotidiano das pessoas e do território, transformando e instituindo novas práticas.

Em termos de sustentabilidade, o que para nós constituiu essencial foi a capacidade de a experiência manter sua continuidade a partir da integração entre todos os parceiros envolvidos na experiência ou, em alguns casos, mesmo apesar deles. Ou seja, o quanto essa experiência é sustentável para ser replicada no âmbito do Sistema Único de Saúde em todo o território nacional? Ela apresenta elementos que a tornam reaplicável, seja em termos de metodologia aplicada, recursos financeiros, humanos, entre outros?

Essas são apenas algumas questões que permearam esse processo de avaliação.

A oportunidade de participar dessa primeira grande experimentação de mapeamento em relação à Educação Permanente em Saúde no Brasil revela um campo que permanece profícuo de saberes e potências.

As experiências que reunimos aqui são uma pequena amostra dessa experimentação de possíveis em cenários muitas vezes desfavoráveis, flores que irrompem no asfalto e revelam riqueza, criatividade, fertilidade do que é produzido neste país por aqueles e aquelas que se entendem construtores do Sistema Único de Saúde.